

Héia e Piláh

Héia era o apelido de meu irmão, [Mário Cesar Sens](#), e **Piláh** o meu, Márcio. Somente nós nos chamávamos deste modo, pelos apelidos, cujas origens são até hoje completamente desconhecidas. O Héia nasceu em 1953 e eu em 1951, ambos em Ituporanga - SC, no Alto Vale do Itajaí. Ele era o 6/12 filho, ou seja, o meia dúzia, e o único canhoto da família. O Héia era canhoto para tudo, para jogar bola, para atirar pedras, menos para escrever. Tanto eu quanto o Héia estudamos no Colégio público Mont'Alverne, único da cidade, até o final do curso ginásial.

Quando éramos pequenos, o Héia era mais bonitinho, mais mimoso, de cabeça elipsoidal, enquanto eu era o mais feiozinho, de cabeça esférica, muito bravo e emburrado, de canelas cheias de feridas. Com frequência eu tinha que comer maná e sal-amargo para purificar o sangue e curar minhas perebas. A voz do Héia era mais melodiosa que a minha, sendo ele aceito para o coral da Igreja, enquanto eu fui recusado, com justa razão.

Para me amansar, aprender boas maneiras, e adquirir responsabilidades, papai me emprestou para trabalhar na casa do Vovô Jacob, Vovó Cecília e Tia Linda. Lá tive que cuidar da venda, do hotel e de algumas vacas, além do cavalinho petição, que me servia muito bem para minhas escapulidas e brincadeiras de montaria em pêlo.

Vovô já era de idade avançada e nada mais fazia, a não ser implicar com tudo o que a tia Linda fazia. Enquanto eu estava lá no meu primeiro trabalho fora de casa, vi papai construir uma cadeira de rodas para o Vovô, adaptando rodízios grandes numa cadeira de vime, larga e confortável, tão leve que eu era capaz de empurrar sozinho, aos nove anos, com meu avô sentado.

Em minhas horas vagas da venda, eu me dedicava à engraxataria na longa varanda do hotel Jacob Sens, onde frequentemente encontrava com o Héia, que também era craque neste rentável ofício. Ainda durante minha estada na casa do vovô, também arranjava algum tempo para perambular pelos arredores do hotel conduzindo um cego, pedindo esmolas e depois o conduzindo de volta ao seu quarto, no hotel. Passei somente um ano e meio lá na vovó, depois pedi para voltar para casa.

Assim, logo retornei para junto de meus irmãos e passei a ajudar papai nas atividades agropecuárias das fazendas, pois meus dois irmãos mais velhos, o [Moacyr \(Tite\)](#) e o [Mauri](#), estudavam fora, em outra cidade longe, em Lages, no Colégio Diocesano. Desta forma, passei a ser o braço direito de papai, afinal eu já era um homenzinho experiente. Entretanto, papai não me podia ver parado que me arranjava logo uma vassoura ou uma enxada para carpir ou limpar as estrebarias. Passei logo a ser o responsável pelo nosso enorme cavalo, o [Marujo](#), e pelas vacas, mas nunca pude contar com a ajuda do Héia.

Um dia meu maninho inseparável me propôs: “Piláh, nós temos que ter um time de futebol para torcer”. Porque, perguntei. “Ah, porque todo mundo torce por um time, tem uma preferência”, retrucou. Em estando de acordo, ficou combinado que eu seria Flamengo e ele Vasco, num piscar de olhos. Até hoje sou Flamengo, mas em se tratando de futebol e bola, nenhum de nós jamais se destacou, a não ser pela falta de habilidades.

O Héia cresceu mais rápido que eu, e logo me alcançou na altura, sendo com frequência confundido como meu irmão gêmeo, pois andávamos sempre juntos. Eu e o Héia estávamos juntos em tudo, em todos os momentos, exceto quando atingi a idade infante-produtiva, em que

papai me colocava para fazer as mais variadas tarefas. Nestes casos, o Héia sempre escapava, sumia mesmo de vista.

Nossa brincadeira mais freqüente era o *camói*, um jogo em que dois times se escondem e os participantes surgem de repente para encontrar os adversários. Quem gritasse primeiro *camói* contra o adversário o derrotava. *Camói* era o mesmo que mãos ao alto para as disputas entre mocinhos e bandidos.

Aos poucos fui também me arriscando na arte de marcenaria, em nossa própria oficina e, nestas ocasiões, papai não me retirava de lá para qualquer outra tarefa, pelo contrário, procurava me ensinar o manejo mais adequado das variadas ferramentas. Como marceneiro, eu era encarregado de fabricar e de distribuir as armas de madeira, ou revólveres, para nossas brincadeiras com os colegas e amigos.

Também nos divertimos muito nadando no rio, logo atrás de nossa casa. Mas o Héia gostava de aventuras mais fortes e me convenceu a lhe acompanhar em uns mergulhos mais interessantes. Assim, saímos escondidos para ir à queda d'água nas proximidades da fábrica de papéis e papelão. Lá chegando, o Héia foi logo mergulhando, e do ponto mais alto.

Mas, quando o maninho retornou à superfície, com a mão na cabeça, exclamou: “Piláh, quebrei a cabeça”. Vi logo a abertura bem no centro da cabeça e tentei tranqüiliza-lo. Saímos rápido e procuramos uma farmácia. Mas o farmacêutico, ao ver o tamanho do talho, foi logo dizendo, em voz muito firme e alta: “Garotos, a coisa foi muito séria, isto não dá para resolver aqui não, vocês devem procurar logo o hospital”.

Com tal revelação, o Héia embranqueceu e se apavorou, e não pude mais esconder a gravidade dos efeitos provocados pelo maldito mergulho sobre aquela pedra. Com uma camisa sobre a cabeça, tampando do sol o ferimento durante toda a longa caminhada, partimos para o hospital. Lá fomos logo atendidos, não sei como nem por quem, mas sei que com nove pontos o corte foi costurado sem outras complicações e conseqüências. O maninho tinha a cabeça dura. Aprendemos a lição.

O próximo irmão da nossa série era ainda muito pequeno, o [Maurício \(Negó\)](#), e também não podia me ajudar muito no trabalho, mas pelo menos me fazia companhia quando tínhamos que buscar o trato para os animais, seja na roça ou na beira do rio. O Héia escapava ao máximo de todo o trabalho, até que, não sendo mais capaz de esquivar-se, se interessou, de súbito, pela vida religiosa, com a aprovação total e irrestrita de mamãe.

Assim o discípulo e admirador de Assis partiu para estudar fora, no Seminário de Rodeio – SC. Esta fuga do garoto para o Seminário somente veio a confirmar nossas observações sobre a aversão dele para com as vacas e ao trabalho agropecuário. De Rodeio, logo o Seminário foi transferido para Ituporanga, em modernas instalações recém-inauguradas, sob direção do ilustre Frei Jerônimo Back, que colocou os alunos para trabalhar.

Nos finais de semana o Héia vinha para casa, quando me contava as novidades, e que a coisa por lá não estava mole não. Imaginem que até para capinar plantação de milho colocaram o seminarista. Isto lhe estava sendo insuportável, e culminou com sua súbita desistência da vida religiosa. Meu maninho então retornou para casa, mas trouxe do educandário grandes aprendizados e seus primeiros troféus: A classificação de primeiro lugar no seminário, o destaque de *secretário* e o de *redator* das crônicas de fundação da entidade religiosa. Neste tempo eu já estava mais envolvido com a arte da marcenaria e fabricava brinquedos de madeira e espadas para a luta, como o zorro. Passei então a ser o ídolo do Héia, pois eu era muito bom no

manejo da espada, além de construí-las, e era o líder de um time que se reunia nos campos para a prática e a exibição da arte.

Mas logo tive que continuar os estudos em Florianópolis, na Escola Técnica Federal. Papai então veio a falecer, em 1968, aos 50 anos, e Mamãe ficou sozinha com 12 filhos, um deles bebê e os demais estudantes. Mamãe tem hoje mais de oitenta anos, e passa muito bem.

Tenho grande orgulho, e sei que o Héia compartilhava comigo, de nossa querida Mãe, viúva aos quarenta e poucos anos, que soube muito bem segurar a peteca de todos, lavando até nossa roupa, que recebia pelo ônibus, vindo e voltando entre Ituporanga e Florianópolis, numa caixa de madeira com tampa aparafusada de dupla face, previamente endereçada.

Foi uma pena que papai não sobrevivesse àquela asma de infância para curtir o florescer de sua linda família. Papai não viu nem a primeira das formaturas de curso superior de seus filhos, de uma série de doze que se sucederam, ano após ano, mas chegou a planejar a festa, que não ocorreu, da primeira delas.

Meu irmão Héia já me passara em muito a altura, e gostava de novos empreendimentos. Foi assim que partiu novamente para estudar fora, em São Paulo. Tomou todas as providências sozinho, não sei como ele conseguiu a façanha de arranjar vaga numa das melhores escolas paulistas, o Mackenzie, e pode lá se sustentar com venda de livros. Enquanto ele estava por São Paulo, o visitei por duas vezes, e saímos juntos em busca de aventuras, como assistir filmes impróprios para 18 anos. Numa das vezes esquecemos as carteiras de estudantes e fomos barrados, após uma longa caminhada.

Quando chegou o momento do vestibular o Héia não teve dúvidas. Decidiu pela medicina da UFSC, logo o curso mais concorrido. Nenhum de nós havia frequentado cursinhos preparatórios e não seria ele que o faria. Meteu-se aos estudos, virando noites inteiras. É claro que depois dormia o dia inteiro. Eu já estava na Engenharia Elétrica da UFSC, e o Héia admirava como eu conseguia estudar até 3 horas da manhã e levantava no horário para sair e ir para a Universidade no dia seguinte. Mas a noite era mais calma e ele achava mais fácil a concentração e o aproveitamento.

Além de mais alto, e de mais charmoso, o Héia também era mais atirado do que eu com as garotas, e se iniciou mais cedo nas atividades do amor. O Héia teve algumas namoradas, todas lindas, e me criticava por eu dar bola para tantas sem interesse. Quando alguma garota se interessava por mim, eu tinha dificuldades para me livrar e o Héia comentava: “Também, tu dá bola para todo mundo!”. Ainda sou assim, mas dificilmente alguém se interessará por mim. Costumo cumprimentar a todos, crianças, meninos, meninas, idosos e até cegos no ponto de ônibus. Isto me parece divertido e me é impulsivo, como era ao meu pai, contam-me suas primas.

O Héia conquistava fácil quem lhe interessava e mais ainda as crianças. Era alto, magro, carismático e levemente complexado pelos seus longos e finos braços. Este fato, assim como para o papai, ele tentava esconder com o uso constante e permanente de camisas de mangas compridas.

Pelo que sei, o Héia teve dois grandes amores, e com um deles se casou. Eu tive apenas algumas paixões rápidas e um grande e único amor, com quem me casei e tive três belos filhos. Além dos filhos, tenho mais de vinte e cinco sobrinhos, todos lindos, que me orgulho muito, curto e me envolvo, quando permitido, e os amo. Entretanto, nenhum e nada me orgulham tanto quanto cada um de meus irmãos, todos com formação acadêmica superior dos mais altos níveis.

O Héia tinha pernas longas e andava com passos largos. Ele se incomodava levemente com sua magreza, e para tentar resolver, costumava se alimentar com comidas infantis, como sustagem, ovos e praticava exercícios, principalmente as artes marciais. Costumava discutir comigo sobre os extraterrestres e paranormalidades; criou academias de ginásticas e se aperfeiçoava constantemente na arte, mas nunca engordou. Sua magreza, como a minha, constituem herança genética.

Quase ao final do curso de medicina Héia se aventurou por 45 dias para os Estados Unidos, arranhou empréstimos se auto-sustentou com venda de imóveis. Logo que o Héia virou médico procurou aperfeiçoamento em São Paulo, no Hospital das Clínicas, o maior. Esteve por lá algum tempo, depois aspirou algo ainda maior, retornou para os Estados Unidos. O maninho era de sonhar alto. Quando me disse que iria estudar nos Estados Unidos, nunca acreditei que ele fosse capaz de ir para lá e de sobreviver. Mas ele foi e acabou estudando na *New York University*. Arranhou tudo sozinho, obteve empréstimos pessoais e morou em Nova Iorque por não sei quanto tempo, se aperfeiçoando em cardiologia e em plástica. Assim, ele não esteve no meu casamento, mas mandou de lá um telegrama, que ainda guardo, em inglês, pois de súbito ele perdeu a habilidade de escrever no idioma natal.

Com a solidão nos Estados Unidos, surgiu a idéia de se casar logo com a filha do prefeito da sua cidade natal, e o Héia casou, com uma festa de mil convidados, a maior que já fui.

Seu casamento com a filha do prefeito teria que ser, ao seu modo, majestoso. O maninho sonhava descer no pátio da Igreja Matriz de helicóptero e também em trazer Roberto Carlos, o Rei Roberto, além do Coral de Câmara de Florianópolis, para cantar na cerimônia.

Para seu casamento, o Héia não poderia deixar de obter uma completa filmagem, o que não era tão comum na época, na região. Ele mesmo obteve a filmadora de vídeo e me incumbiu desta importante missão. Providenciei então um cabo elétrico enorme, para a iluminação do cenário por todo o longo corredor da Igreja Matriz da cidade e, logo que o noivo entrou iniciei a filmagem. Cada passo do noivo ou da noiva foi vigiado de perto pelo cinegrafista amador. Nada lhe escapava, nem o beijo nupcial. Somente após o retorno da lua-de-mel foi que contei ao Héia que não havia fita na câmera e que, para não decepcioná-lo, durante a cerimônia, encenei todo o tempo a filmagem que, cá pra nós, foi muito chique. Os convidados ficaram maravilhados com a oportunidade de aparecerem e de serem registrados eternamente em uma fita de vídeo, ausente.

Logo após o casamento o casal partiu para Nova Iorque, para o maninho completar o aperfeiçoamento médico. De lá ele trouxe vários diplomas e retornou para o Brasil. Dentro do avião, em pleno vôo, o Héia e sua esposa geraram a filha Maristela, que adora viajar. Além destas aventuras, ainda guardo alguns outros segredos e confidências que só nós dois tínhamos.

Retornando ao Brasil, foram novamente para São Paulo, desta vez para trabalhar num hospital menor, o Hospital Geral da Lapa. Enquanto em São Paulo, o visitei por várias vezes, inclusive o acompanhei em algumas visitas aos seus pacientes, dentro do hospital, onde ele me apresentava como doutor, e fazia seus pacientes mostrarem as partes tratadas, mesmo as mais íntimas. Também lhe acompanhei durante os treinamentos em artes marciais, em academias, e dormia em seu apartamento, mesmo com minhas malas no hotel. O apartamento, pobre, não tinha telefone, mas eu me anunciava pelo assobio, que somente ele reconhecia, pois era o mesmo que me anunciava ao [Marujo](#), nosso cavalo, e era inconfundível.

Quando o Héia se achou pronto para o exercício da profissão, com uma coleção invejável de diplomas, se plantou na sua cidade natal, em Ituporanga - SC. Lá passou a atender pacientes no Hospital Bom Jesus de forma vigorosa. Passou a levar o trabalho muito a sério, e lutava

incansavelmente para obter recursos para melhorar as condições de trabalho. Levou-me lá várias vezes para reparar equipamentos hospitalares, como emissores de ondas curtas e eletrocardiógrafos.

O doutor era virador e solicitou até ajuda internacional, da Inglaterra, para o hospital, recebendo uma série de equipamentos, incluindo um monitor cardíaco e um desfibrilador. Lembro-me de que durante o desembarço alfandegário e durante a recepção para a aceitação dos equipamentos ingleses, ele me incumbiu da tarefa, e tive que ir ao aeroporto da capital.

O Dr. Héia era empreendedor e não negava serviços, bem diferente de quando criança. Aceitava qualquer atividade médica, independente de pagamentos. Ele ia visitar seus pacientes, após tratamento e alta pelo SUS (INSS), em suas residências, levando presentes para as crianças, e não era candidato a qualquer cargo político, que seja bem dito.

Lembro também de ter acompanhado o Dr. Héia numa tarefa de desentupimento intestinal de uma garota pobre, gorda, em sua clínica particular, sem qualquer cobrança, que lhe rendeu, de fato, meia dúzia de lençóis sujos, imundos, que ele mesmo levou para a lavanderia. Também lembro de ter acompanhado o Héia quando ele atendeu a um homem baleado por sete tiros, um no pé e demais no abdome, perfurando o intestino em várias partes. O Héia enfrentou a cirurgia sozinho, apenas com um anestésista, para evitar a morte certa do paciente, que posteriormente foi transferido com segurança para a capital, e salvo.



CASA DA VOVÓ [CARMEM](#) - ITUPORANGA - 24/12/1981

Na cidade de Itaporanga o maninho era uma máquina. Ele atendia ao Hospital e em sua clínica particular e ainda divertia-se na fazenda das Águas Negras, onde instalou energia elétrica e um possante sistema de comunicações por rádio com o hospital. Instalou também rádios na residência e no seu carro, para que prontamente lhe pudessem localizar. Não havia telefones celulares, que atraso.

Na fazenda, ativou as atividades agropecuárias então paradas com a morte de papai. Mas nestes casos, era igualzinho ao papai, nunca colocava as mãos em nada, somente coordenava os empreendimentos, e não lidava com qualquer ferramenta, exceto as cirúrgicas. Aliás, no que se refere à cirurgia, sempre que tinha oportunidades o Héia treinava para acelerar sempre mais a aplicação de pontos de suturas cirúrgicas, e ele era craque nisto. Fazia pontos com linha, agulha e pinça incansavelmente, da mesma forma como treinava para acelerar os toques em datilografia, quando estudante. Também era craque nisto. Quando nos encontrávamos, ele me colocava a par de suas conquistas. “Estou com habilidades para não sei quantos pontos cirúrgicos por minuto”, me dizia. Ele me dizia que esta rapidez do cirurgião era importante para salvar vidas.

Além de atender inúmeras famílias pobres, o Héia atendia a qualquer caso médico da nossa família. Tirou vários cistos sebáceos de minha esposa e me operou até das hemorróidas. Como eu morava no Rio, o doutor não podia acompanhar o restabelecimento do paciente ao vivo. Deste modo, após algum tempo, tirei uma fotografia, em close, da área onde fora efetuada a intervenção cirúrgica, e lhe mandei a foto pelos Correios, com uma carta, justificando as razões da minha difícil decisão. De fato a *coisa* tinha ficado linda, como eu sempre quis. Por muito tempo aquela foto permaneceu sobre a escrivaninha do Héia no hospital, e era freqüente que ao olhar para o objeto anal, atentamente, passasse a rir sozinho, mesmo diante de seus pacientes.



RESIDÊNCIA DO PILÁH - NITERÓI - JULHO/1982.

Eu e o Héia tínhamos várias coisas em comum, às vezes antagônicas, mas tínhamos. Enquanto eu tive este leve e citado defeito na parte traseira, ele teve na dianteira, que também foi resolvido por uma intervenção cirúrgica, que ele mesmo providenciou, através do Hospital Universitário.

Tanto o Héia quanto eu gostava de escrever com canetas tinteiro ou a nanquim. Tínhamos canetas Mont Blanc, alemã, e trocávamos informações sobre esta arte de escrever. Suas receitas médicas eram claras e bem legíveis. Embora com gosto refinado pelo manuscrito, ele não descartava as idéias de utilizar o computador para enviar cartas e para emitir receitas. Também planejava e idealizava um programa de computador inteligente, que fosse capaz de diagnosticar doenças com muita rapidez, após a entrada dos parâmetros médicos e das informações retiradas dos relatos do paciente, como temperatura, pressão e batimentos cardíacos, para uma avaliação prévia, com base na literatura médica avançada e bem estabelecida.

A primeira filha do Héia, a Maristela, era tratada como futura princesa. Para seus estudos, o Héia preparou uma coleção de cadernos de capa dura, todos impressos com números e anos sequenciais, além do nome da garota, para ser utilizado desde o primeiro ano até a faculdade. Para tanto, fui junto com ele numa gráfica, em São Paulo, para buscar novas coleções e reclamar pelo atraso das encomendas. Tentando impor respeito para com sua encomenda, o Héia mostrou ao encadernador sua carteira de diplomata federal. Logo que a viu o profissional exclamou: “Que, destas ai já imprimi e vendi centenas”. Realmente, a carteira era de brincadeira, assim como a sirene que ele utilizava no carro, às vezes, para se passar por ambulância, e poder correr mais em socorro de algum paciente.



BATIZADO DE [MARILIN](#) - ITUPORANGA - 25/12/1983.

O Héia era generoso e escondia estas atitudes. Era comum que ele saísse vestido de Papai Noel, em épocas de Natal, sorrateiramente, para distribuir presentes e doces para as comunidades carentes e bem retiradas da cidade, como em Águas Negras, Vila Nova, de forma anônima.

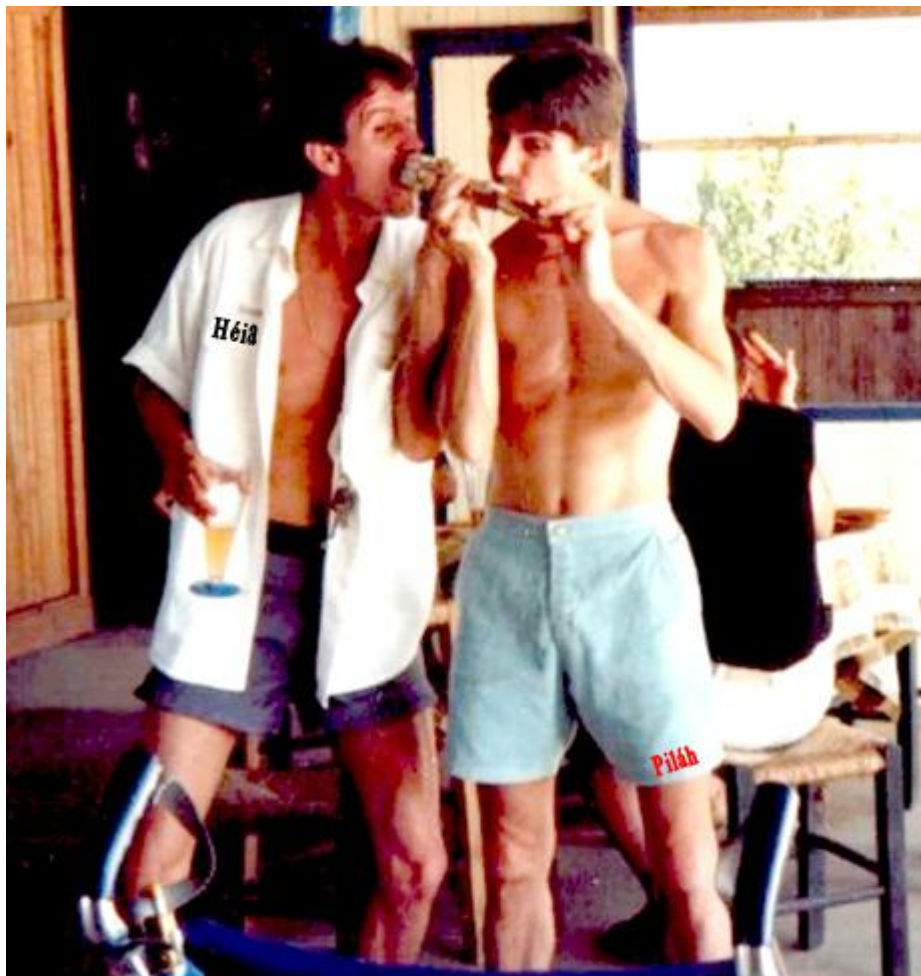
Além da Maristela, o Héia teve com sua esposa mais dois filhos, a Marilim, que me presenteou como afilhada, e o Matheus.

Meu irmão também se interessava por mistérios. Por várias vezes participamos juntos de conferências sobre parapsicologia e estudos esotéricos, até hoje mal compreendidos pelas ciências, tanto no Rio como em São Paulo. Era sua idéia promover e organizar um grande evento desta natureza na capital catarinense.

Nos assuntos de Engenharia o Héia não se metia e nem discutia. Qualquer assunto técnico me repassava ou me consultava.

Este meu irmão era bem vaidoso, bem mais do qualquer um dos demais irmãos, e se preocupava constantemente em se manter jovem e belo, procurando fórmulas mágicas para isto. Tinha verdadeira admiração pela [Irmã Paulina Sens](#), freira dedicada ao Hospital Bom Jesus, com quem conversava sempre que podia, e a chamava de santa.

Eu e o Héia tínhamos aventuras juntos, e uma delas está ilustrada na foto abaixo, onde dividimos o mesmo osso, no sítio de um dos tios, próximo a Camboriú.



SÍTIO DO TIO [ACELOM](#) - CAMBORIÚ - JAN/1989.

Quando da segunda vitória de seu sogro para a prefeitura da cidade, o Héia foi empossado como Secretário Municipal da Saúde, e eram freqüentes suas buscas por recursos junto ao governo do estado, em Florianópolis. Foi numa destas buscas por remédios na Secretaria Estadual da Saúde, numa viagem a Florianópolis, em seu carro particular, que ele foi envolvido num acidente com uma carreta, vindo a falecer.

Quando de sua morte, pelo acidente de carro, o choque foi enorme, tanto para família, extremamente unida, como para toda a comunidade que ele assistia. Nunca fui num enterro tão grande e tão bem cantado e tão bem rezado. As homenagens eram infindáveis. Nenhum de nós tinha a menor noção da abrangência de suas atividades e de sua influência. A missa, na Igreja Matriz, foi logo organizada, preparada e ensaiada pelos paroquianos, com cantos sacros e homenagens surpreendentes. A fila do cortejo fúnebre chegava ao cemitério, sem sair da Igreja Matriz, há quilômetros. Sobre seu caixão foram depositadas homenagens diversas, até bandeira de time de futebol havia.

Enquanto eram colocadas sobre sua tumba, eu e uma de minhas irmãs contamos cerca de 400 coroas, numa verdadeira montanha, estendendo-se pelas laterais e cobrindo completamente todo o invólucro funerário, com faixas das mais variadas e desconhecidas associações de comunidades, postos de saúde, prefeituras vizinhas de todo o Alto Vale do Itajaí. Nenhum de nós, irmãos, imaginávamos tamanha repercussão para a sua morte e tão rápida divulgação do ocorrido.

O cortejo fúnebre do Héia foi muito maior do que o de papai, para minha surpresa. E olha que papai era conhecido pela região. Acho que os amigos de papai se somaram aos amigos do Héia, para formar tamanha repercussão.

Por anos e anos se encontravam cartões e flores de anônimos sobre sua sepultura, com frases como: “Você me salvou, obrigado”. Certamente de alguns pacientes que ele teria atendido. Alguns destes cartões eu mesmo recolhi e ainda guardo comigo.

Foi pena que o Héia não tenha tido a oportunidade, como papai, de ver e também de curtir o florescer de sua família, e de acompanhar, com orgulho, uma de suas filhas seguindo brilhantemente a sua profissão, foi pena.

Niterói, 17 de junho de 2004.



Márcio Antônio Sens - Piláh